



Uma linha a mais A vida é bela



Miguel Gaspar

Foi numa dessas últimas sextas-feiras em que o mundo parecia estar a ir ao fundo ao ritmo das quedas abruptas das bolsas que vi a mais extraordinária primeira página publicada em Portugal desde o início da crise financeira. O jornal era *A Bola*, a notícia a vitória do Benfica sobre o Nápoles e a manchete, extraordinária no contexto do marasmo bolsista, rezava: "A vida é bela."

Voltei a lembrar-me deste arremesso de euforia futebolística a propósito da insólita entrega a conta-gotas do Orçamento do Estado na Assembleia da República, que chegou primeiro através de uma *pen* sobre a qual não se sabe sequer se tinha conteúdo. Os números que os deputados ficaram sem saber, o ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, também parecia não os ter "consolidados na memória", segundo afirmou. Tal ministro, tal *pen*, portanto. Só que essa entrega às fatias permitiu ao titular da pasta das Finanças fazer o elogio do seu orçamento, sem outro contraditório além do lamento do deputado comunista Honório Novo, perplexo perante a ausência, no seu computador, dos dados que lhe teriam permitido analisar a proposta governamental.

O país onde uma vitória europeia do Benfica chega para esquecer um *tsunami* financeiro e aquele onde um governo vai ao Parlamento fazer de conta que entregou um orçamento são um e um só. Não surpreende portanto que este Orçamento tenha sido feito para o Governo nos poder dizer - sem contraditório da oposição - que a vida, na medida do possível, é bela. Não podemos ter o Ronaldo na Liga, mas o Reyes até que dá uns toques.

E o Orçamento veio ainda mostrar é que a vida também é bela para o Governo, desde que a crise internacional se instalou. Que não, dirão alguns. Então se há uma crise, o Governo não tem condições económicas para fazer o orçamento eleitoralista de que precisava, explicarão. Só que o Orçamento é inequivocamente eleitoralista. Por isso a função pública foi aumentada acima da inflação pela primeira vez desde 1999. Além de simpática, a medida visará comprar manifestações de ruas menos participadas nos próximos tempos. Na prática, não chega para sossegar os funcionários públicos, há anos a perder poder de compra, e entala o sector privado. Mas isso são outras conversas.

Sem crise, o Orçamento seria

O país onde uma vitória europeia do Benfica chega para esquecer um tsunami financeiro e aquele onde um governo vai ao Parlamento fazer de conta que entregou um orçamento são um só

por certo muito mais generoso. Mas a derrocada dos mercados financeiros tem duas vantagens. Primeiro, o pouco que se dá neste Orçamento rende muito politicamente. Mesmo em tempo de vacas magras, os rapazes lá dão qualquer coisinha. Mas, segunda e mais relevante questão, a crise esconde o fracasso da política económica do Governo. O desemprego e o fraco crescimento económico passam a poder ser imputados à crise e não se fala mais nisso. Como a oposição não diz grande coisa, a crise passa a ser uma aliada potencial do Governo.

Na conferência de imprensa de ontem, que interrompeu para ir apanhar o avião, Teixeira dos Santos falou sobre o objectivo de criar 150 mil empregos numa legislatura, prometido pelo PS, de forma relevante: disse que é a economia que cria empregos e que, com a economia a descer, o mais provável é não se chegar lá. Como também não serão atingidas as metas de saída de funcionários da função pública, disse também o ministro. Adeus metas, chegou a crise.

Para mais, a maioria dos analistas vai dizendo que os objectivos relativos ao défice, ao crescimento económico e ao desemprego inscritos no Orçamento serão muito difíceis de atingir. Sobretudo quando vemos na imprensa internacional como a economia real vai pagar a factura do *tsunami* financeiro. Percebe-se que o Governo quis passar uma mensagem de confiança. Mas os eleitores sabem que a vida não está de todo bela - e não é uma *pen* que vai mudar isso. *Jornalista (miguel.gaspar@publico.pt)*